

CULTURA E IDENTIDADE GAY: A DIFERENÇA DO MÚLTIPLO

Gisele Marchiori Nussbaumer

UFMS/UFBA

Resumo: Na década de 90 assistimos Paradas do Orgulho Gay, reunindo milhares de pessoas nas ruas das principais metrópoles mundiais; as novelas televisivas trouxeram casais de jovens adolescentes e de lésbicas chiques; no ciberespaço proliferaram sites, chats e listas de discussão específicas; na área acadêmica ganharam destaque os estudos gays e lésbicos; e, de São Paulo, emergiu o conceito GLS. Enfim, uma nova cultura e um movimento gay de visibilidade coletiva se fizeram presentes no cenário urbano dos últimos anos. Considerando relevante a emergência deste contexto, neste ensaio refletimos sobre a crescente incorporação da cultura gay no cotidiano da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Cultura, identidade, homossexualidade

*“Mélange, mistura, um pouco disso e um pouco
daquilo,
é dessa forma que o novo entra no mundo”*

Salman Rushdie

Na década de 90 assistimos o surgimento de Paradas do Orgulho Gay, reunindo milhares de pessoas nas ruas das principais metrópoles mundiais; as novelas televisivas trouxeram casais de jovens adolescentes e de lésbicas chiques; no ciberespaço proliferaram sites, chats e listas de discussão específicas; na área acadêmica ganharam destaque os estudos sobre as múltiplas identidades relacionadas à questão sexual; e, de São Paulo, emergiu o conceito GLS, integrando Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Enfim, uma nova cultura e um movimento gay de visibilidade coletiva se fizeram presentes no cenário urbano dos últimos anos.

Considerando relevante a emergência deste contexto, neste ensaio refletimos sobre a crescente incorporação de uma cultura gay no cotidiano da sociedade contemporânea. Essa cultura pode ser analisada pelo menos sob dois pontos de vista, antagônicos e complementares, que vão guiar nossa reflexão: como tentativa de homogeneização e controle da identidade gay, cuja diferença aceitável seria aquela que se insere em padrões

estabelecidos; e como espaço concreto, conquistado e celebrado, de visibilidade de todas as multiplicidades sexuais possíveis.

Diferença e multiplicidade

Kathryn Woodward (2000, p.39-40) explica que as identidades são fabricadas por meio de uma marcação da diferença. Essa marcação acontece tanto por meio de sistemas simbólicos de representação como por meio de formas de exclusão. As identidades dependem das diferenças que são, em grande parte, estabelecidas por sistemas classificatórios.

De acordo Woodward, *“as formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade de outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições”* (p.41). Nesse sentido, buscando manter a ordem social os membros de uma sociedade acabam por possuir certo grau de consenso acerca de como classificar as coisas. Isso, segundo a autora, é o que se entende por cultura que, na forma de rituais, símbolos e classificações, é fundamental para a produção do significado e das relações sociais.

A ordem social é mantida por meio de divisões binárias como, por exemplo, entre “insiders” e “outsiders”. Assim, as categorias pelas quais indivíduos transgridem essa ordem são relegadas ao status de “outsiders”, garantindo o controle social desejado (Woodward, p.46). Essas divisões binárias incluem, dentre várias outras, aquela construída para diferenciar heterossexuais e homossexuais.

Woodward (p.50) ressalta ainda que a diferença pode ser construída negativamente através da exclusão ou da marginalização daqueles que são definidos como “outros”. Mas, por outro lado, a diferença também pode ser celebrada por sua diversidade e hibridismo: este seria o caso dos movimentos que buscam tanto resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos impostos pela norma, como celebrar a diferença - afirmando, por exemplo, “sou feliz porque sou gay”.

Tomaz Tadeu da Silva (2000, p.74-75) é outro autor que enfatiza a questão da identidade e da diferença problematizando-as em estreita relação de dependência. Para ele, quando dizemos “sou brasileiro” estamos fazendo referência a uma identidade que parece esgotar-se em si mesma. Entretanto, explica Silva, só precisamos fazer essa afirmação porque existem outras pessoas que não são brasileiras. O mesmo acontece com a afirmação “sou heterossexual”, ela seria desnecessária se não existissem pessoas que não são heterossexuais. Identidade e diferença são inseparáveis.

O poder de definir a identidade e marcar a diferença, ressalta Silva, está em conexão com as mais amplas relações de poder: “*a identidade e a diferença, não são, nunca, inocentes*” (p.81-82). Para o autor, onde existe diferenciação há também o poder e uma série de processos se encarregam de traduzir essa diferenciação: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”).

A mais importante forma de classificar é aquela que se organiza em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Nelas, um dos termos é sempre privilegiado. Assim, questionar a identidade e a diferença significa problematizar esses binarismos.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença (...) É a sexualidade homossexual que é ‘sexualizada’, não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade (Silva, p.83).

De acordo com Silva (p.84), o processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: um tende a fixar e a estabilizar a identidade, o outro tende a subvertê-la e a desestabilizá-la. A tendência da identidade está na fixação. No entanto, para ele, mais interessantes são os movimentos que conspiram para subverter a identidade:

A possibilidade de “cruzar fronteiras” e de “estar na fronteira”, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter “artificialmente” imposto das identidades fixas. O “cruzamento de fronteiras” e o cultivo propositado de identidade ambígua é, entretanto, ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade. A evidente artificialidade da identidade das pessoas travestidas e das que se apresentam como drag-queens, por exemplo, denuncia a – menos evidente – artificialidade de todas as identidades (p.86).

Ao analisar especificamente a questão gay e lésbica, Pierre Bourdieu (1999, p.143-144) ressalta o que ele chama de uma forma particular de dominação simbólica de que são vítimas os homossexuais. Isso porque, diferente de como acontece na questão racial, os gays são marcados por um estigma, uma diferença que pode ou não ser ocultada. Essa

dominação impõe-se através de atos de classificação que dão margem a diferenças negativamente assinaladas e, com isso, a grupos sociais estigmatizados que podem vir a negar sua existência pública. No entanto, a opressão como forma de “invisibilização”, para o autor, só aparece realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade.

Isto acontece, por exemplo, com a Parada do Orgulho Gay, acontecimento que evidencia tanto a multiplicidade como a invisibilidade das diferenças sexuais possíveis e vigentes. O evento se constitui como oportunidade para que gays, lésbicas, travestis, drag-queens e tantos outros reivindiquem e conquistem certa visibilidade, mesmo que momentânea.

Bourdieu, (p.144) salienta ainda a tendência do dominado em assumir a respeito de si o ponto de vista do dominante. Isso através, principalmente, do *efeito de destino* que a classificação estigmatizante produz. No caso dos gays ou lésbicas, eles podem ser levados a aceitar categorias de percepção que os façam viver envergonhadamente suas experiências sexuais, equilibrando-se entre o medo de ser desmascarado e o desejo de ser reconhecido. Esse *efeito de destino* também pode levar os próprios homossexuais, por vezes, a reproduzir nos casais que formam, uma divisão dos papéis masculino e feminino. Como destaca Annick Prier, “*le résultat est paradoxal: en revendiquant le droit à la différence, les homosexuels instaurent le tabou de la différence à l’intérieur du couple*” (1998, p.78).

Essa situação exemplifica o que Bourdieu (p.145) entende como sendo uma das maiores antinomias da dominação simbólica, ou seja, a revolta contra uma categorização imposta que se organiza enquanto categoria justamente segundo esta mesma categorização, fazendo assim existirem as classificações às quais se pretende resistir. Isso, segundo o ele, ao invés de lutar por uma nova ordem sexual em que a distinção entre os diferentes pudesse ser, talvez, simplesmente indiferente.

Mas muita coisa mudou nesses últimos anos: a divisão dos papéis em masculino e feminino nos casais não é mais um estereótipo predominante; as figuras do “bicha” ou do “sapatão” já não representam mais os gays e lésbicas dos anos 90. Há, na contemporaneidade, uma evidente dissociação entre o ser e o parecer gay.

Vivemos um processo de transformação contínua e são poucos os autores que, tratando de questões relacionadas à identidade e à cultura gay, superam a visão moderna de um contexto que caracteriza-se como pós-moderno - no qual a cultura gay atual se insere.

Eve Sedgwick (1998, p.109-110) é um deles, ele critica o fato de os movimentos de defesa e reivindicação, de maneira geral, seguirem quase sempre o mesmo modelo, sejam eles fundados em bases sexuais, raciais ou étnicas. De maneira paradoxal, esses movimentos reivindicam o direito a uma assimilação social de um grupo de pessoas, mas o fazem a partir de uma visão separatista dos indivíduos que compõem esse grupo, que seriam dotados de uma diferença estável. Este separatismo assimilacionista forma a base do que se chama nos Estados Unidos de “política de identidade”, de “multiculturalismo” ou de “diversidade”. A linguagem de “identidade minoritária” é, para ele, totalmente inadequada para historicizar e conceitualizar a política real desses movimentos.

O movimento gay identitário, argumenta Sedgwick (p.110-111), gosta de datar seu início no fim dos anos sessenta, e, particularmente, nos acontecimentos de Stonewall em 1969. O que passa despercebido é o caráter não-identitário da política que sustentava o movimento de liberação gay no decorrer desse período. Suas motivações principais estavam na luta contra a guerra do Vietnã, no movimento dos jovens e estudantes, na nova cultura das drogas e na liberação sexual. Nenhum desses movimentos poderia ser definido segundo um critério separatista e imutável de identidade.

Sedgwick acredita que uma política não separatista e não assimilacionista poderia ser exemplificada com a palavra americana “queer”: matriz aberta das possibilidades, imbricações, dissonâncias, falhas ou excessos de sentido quando os elementos do gênero e da sexualidade não são coagidos a significações monolíticas. Essa nova política refletiria

les aventures et les expériences politiques, linguistiques, épistémologiques, figuratives que vivent ceux d'entre nous qui aiment à se définir (parmi tant d'autres possibilités) comme lesbiennes féminines et agressives, tapettes mystiques, drag queens, drag kings, clones, cuirs, femmes en smoking, femmes féministes, masturbateurs, folles, divas, snap!, virils soumis, mythomanes, transsexuels, wannabe, tantes, camionneuses, hommes qui se définissent comme lesbiens, lesbiennes qui couchent avec des hommes... et aussi tous ceux qui sont capables de les aimer, d'apprendre d'eux et de s'identifier à eux (p.115).

No entanto, lamenta o autor, a cena pública muda rapidamente e se esse momento está na atualidade de hoje poderá não estar mais na de amanhã. A palavra queer significa “através de” e, para Sedgwick (p.116), são precisamente os enunciados “através de” que numerosos escritos tentam produzir hoje: através dos sexos, através dos sentidos, através dos gêneros, através das perversões. O conceito de “queer” nesse sentido é transitivo e intransitivo. A corrente que representa é anti-separatista e anti-assimilacionista; é relacional.

Leo Bersani também analisa a questão da cultura e da identidade gay sob o prisma da diferença e sustenta que *“c’est toujours ma différence contre votre différence”* (1998, p.65). Não somente as minorias, mas a maioria repressiva é identitária. Para ele, o valor atribuído ao universalismo pode ser o traço característico de uma identidade cultural, e quando uma sociedade homogênea se sente ameaçada pela heterogeneidade, percebe-se o universalismo pode vir a servir como arma defensiva contra o particularismo identitário. Assim, a única maneira de dissipar o conflito, exigiria talvez um esforço para o qual poucos parecem estar preparados, ou seja, se libertar não exatamente das diferenças culturais, mas sobretudo da convicção de que a identidade cultural em si tenha qualquer valor.

O autor (p.71) ressalta ainda sua perplexidade com o fato da visibilidade sem precedentes adquirida nesses últimos anos ser acompanhada da vontade de invisibilidade por aqueles que se imaginaria mais desejosos de se tornarem visíveis. Ele defende que é preciso se reapropriar da redução manifestadamente pejorativa que faz a cultura dominante do mesmo e do diferente em questões de escolha sexual. O homossexual seria um sujeito *“raté”*, que precisa que sua identidade seja imperfeitamente reproduzida no exterior de si. Entretanto, afirma Bersani, essa é a força e não a falha do homossexualismo, porque a ficção de um sujeito inviolável é um recurso importante da violência entre os seres humanos. Cada um se crê obrigado a se armar contra a diferença de outros, igualmente decididos a defender sua integridade enquanto *“outro”*. Não se pode amar o outro sem se (re) encontrar de alguma maneira nele; esta é a condição para o não aniquilamento da diferença. Nesse sentido, sugere que a aprendizagem de uma relação baseada sobre o mesmo, mais do que sobre a diferença, talvez deva começar pela percepção daquilo que vincula todos os seres do universo. Essa proposta pode parecer uma verdadeira traição, mas na sociedade homossexual, provoca o autor, a promiscuidade antimonogâmica talvez seja o exemplo mais próximo dessa traição relacional, traição gay.

Bersani (p.66-68) também compartilha a idéia que, de uma maneira conflitual e rica em ensinamentos, os queers ao mesmo tempo revigoraram e invalidaram uma política identitária. Como cada vez mais pessoas não querem ser tratadas de gay, a comunidade a qual se presumia participar tende a tornar-se não-identificável. Mas, se por um lado o discurso *“queer”* pode tomar formas incendiárias, por outro os gays e lésbicas têm se mostrado cada vez mais inclinados a definir seus objetivos nos termos promulgados pela comunidade heterossexual. Os críticos desse novo movimento, resume o autor, tendem a discursos dissexualizantes, que retiram o sexo da homossexualidade. Daí que a

preferência dada a “queer” em relação a gay se deve em grande parte a essa indeterminação sexual de seu campo de referência.

Criticando o conservadorismo do movimento, Bersani ironiza que, *“on a quelquefois l'impression que les gays et les lesbiennes n'arrivent plus à imaginer d'activité politique plus excitante que de démontrer qu'ils peuvent être de bons soldats, de bons prêtes ou de bons parents”* (p.67).

David Halperin (1998, p.117-118), afirma que a questão da identidade gay se tornou paradoxal, senão insolúvel, já que é às vezes politicamente necessária e às vezes politicamente catastrófica. É necessária porque é ameaçada de invisibilização e ainda designada como vergonhosa, patológica e desviante. Mas é também politicamente traidora e catastrófica porque tem um papel normalizador e mesmo policiador na cultura gay, permitindo a sociedade de gerir tranqüilamente a diferença sexual, funcionando como um meio de estabilizar a identidade heterossexual.

A identidade gay é alvo de críticas severas por parte dos conservadores, que consideram toda “política de identidade” como uma espécie de particularismo, como uma ameaça para a ordem social e para a democracia. É alvo de críticas também por parte dos militantes e intelectuais, que a consideram como um meio de controle social, de homogeneização cultural e de esfacelamento das diferenças sociais, éticas e sexuais no interior das comunidades gay (Halperin, p 118).

Halperin entende que o objetivo da identidade gay é possibilitar a formação de multiplicidades, resistindo a uma identidade única, unívoca, já estabelecida e definida. Citando Foucault, salienta que *“être gay, c'est être en devenir”*, pois

il ne faut pas être homosexuel, mais s'acharner à devenir gay, se placer dans une dimension ou les choix sexuels que l'on fait sont présents et ont leurs effets sur l'ensemble de notre vie, c'est aussi une manière de refuser les modes de vie proposés, c'est faire du choix sexuel l'opérateur d'un changement d'existence (Foucault apud Halperin, p.119-120).

A crítica de Foucault, lembra o autor, não é evidentemente destinada a invalidar a identidade gay, mas a impedir que ela funcione como um obstáculo para a formação de novos modos de existência, possibilidades de prazer e formas culturais.

Investigar a história da homossexualidade conduz a desestabilização de sua noção enquanto categoria de análise. Isso porque essas investigações revelam uma multiplicidade de identidades e experiências impossível de se reduzir a uma noção simples e única da identidade gay. Para Halperin (p.122), desestabelecer os conceitos de identidade sexual é

realizar o potencial dos Estudos Gays e Lésbicos, cuja tarefa é romper os mecanismos de significação heterossexual, balançar o sistema de heteronormatividade e explodir as categorias do pensamento heterossexista – quer dizer, a homossexualidade e a heterossexualidade.

Halperin, (p.119) defende, por fim, que uma das dimensões mais características da cultura gay estaria, justamente, na crítica constante e na reavaliação permanente daquilo que ela significa. A sua identidade, para ele, é sobretudo uma identidade discutida, contestada, autocrítica.

Inserção e visibilidade

Os diversos modismos, momentos e conceitos, proclamados na cena gay dos últimos anos, passageiros ou não, dão conta de um processo de contínua transformação. George Chauncey (1998, p.106-107) ressalta que vida endógena e masculinização, por exemplo, tem crescido juntas e podem ser observadas no cotidiano, sobretudo, das grandes cidades. Cada vez mais homens masculinos, no senso convencional do termo, se consideram como gays, já que não é mais necessário renunciar a sua masculinidade para se definir enquanto tal. Esse comportamento reflete, ao contrário de antigamente, uma masculinização da cultura gay: jeans, camisetas e botas mostram o *look* viril dos jovens dos anos 90. Esta transformação, e o fato de a homossexualidade e a heterossexualidade serem consideradas características internas aos indivíduos, conduziu a idéia de que é mais fácil passar de um lado para outro, já que para isso não é necessário mudar o aspecto exterior.

João Silvério Trevisan (2000, p.376) afirma que “*os anos 90 apresentaram várias inovações fundamentais no liberacionismo homossexual brasileiro*” e que a mais importante foi a implantação do conceito GLS, que engloba Gays, Lésbicas e Simpatizantes, introduzindo no país a idéia americana de *gay friendly*. Segundo Trevisan, foi fundamental a inclusão dos “simpatizantes” porque sua presença torna o conceito mais adequado ao convívio pluralista de nossa sociedade.

A sigla GLS surgiu no Brasil, em 1994, “*para determinar o público do festival de cinema experimental Mix Brasil, então uma pequena ramificação do New York Lesbian and Gay Experimental Film Festival*” (Palomino, 1999, p.150). A equipe do Mix Brasil acreditava que tinha um público mais misto, menos radical, e procurava um nome do tipo *gay friendly* quando apareceu “simpatizante”. A inclusão do “S” pode ser entendida,

então, como uma tentativa de aceitação do diferente no interior do grupo. A expressão representa os heterossexuais que simpatizam com o universo gay ou, como bem descreveu um participante de uma lista de discussão GLS¹, representa aquele “*que recebeu um rótulo por não ficar incomodado com a homossexualidade alheia*”, com a diferença alheia.

Os homossexuais sempre tiveram seus símbolos, ídolos e vocabulário como forma de se fazer identificar e marcar sua diferença. Com o surgimento do conceito GLS, no entanto, criou-se um contexto que favoreceu ainda mais a explosão (e a comercialização) da chamada cultura gay, bem como de um mercado diversificado voltado para esse público.

Uma outra inovação dos anos 90, lembra Trevisan (p.375), é a grande “*inserção de homossexuais no mercado, em todos os sentidos*”. Nesse período revelou-se a capacidade desse público para o consumo: surgem grifes, publicações, livrarias, bares, hotéis, enfim, uma gama de estabelecimentos dispostos a apostar nesse filão. Essa “*efervescência mercadológica*” produziu também um novo perfil de empresários homossexuais, profissionais bem-sucedidos que acabam se aproximando da luta pelos direitos de seus clientes. No entanto, como ressalta Trevisan, “*nada disso seria possível sem que certos setores da sociedade se integrassem a recém-inaugurada postura de simpatizantes*” (p.378).

Os reflexos de todo esse processo de absorção e inserção da cultura gay na contemporaneidade atingiram à própria universidade e foram propagados tanto pelos meios de comunicação de massa como pelas novas tecnologias. As colunas de Érica Palomino ou de José Simão, no jornal Folha de São Paulo, retratam bem a apropriação que a mídia e a sociedade tem feito, por exemplo, de um vocabulário que identifica e diferencia a cultura gay: bofe (homem másculo); drag queen (homem que se veste como mulher); lesbian chic (lésbicas executivas de alta classe média); entendido (homossexual); uó (coisa ruim); e assim por diante¹.

A inserção de um casal de lésbicas em uma novela televisiva¹ da Rede Globo também é ilustrativa de como a mídia, com frequência, trata a questão da diferença sexual. Nesse caso, as duas mulheres não apresentavam traços característicos do estereótipo, tão rejeitado e ameaçador, bem retratado pelas expressões pejorativas de “*caminhoneira*” ou “*sapatão*”. Mesmo assim, bastou que a diferença sexual se tornasse um pouco mais visível para que o casal desaparecesse, tragicamente, com a explosão de um shopping center. Atendendo as expectativas do grande público dos veículos de comunicação de massa, desaparece então o casal homossexual e mantém-se a “*heteronormatividade*” vigente.

Mas o exemplo mais surpreendente da visibilidade gay desta última década ainda é a Parada GLBT (Gay, Lésbica, Bissexual e Transgênero) de São Paulo. O evento reuniu 2.000 pessoas em 1997 (primeira edição), 7.000 em 1998 e, “*em junho de 1999 a 3ª Parada GLBT fez desfilar pelas avenidas centrais de São Paulo entre 20.000 e 30.000 pessoas – um fenômeno de massa inédito no país, acostumado a ter seus cidadãos/ãs homossexuais no anonimato*” (Trevisan, p.379). A última Parada, em junho de 2000, superou as expectativas reunindo entre 120.000 e 150.000 pessoas na Avenida Paulista, ganhando a capa de importantes jornais e revistas nacionais, além de repercussão internacional.

Esse acontecimento serve para ilustrar os dois pontos de vista acerca da cultura e da identidade gay que neste texto buscamos refletir. Por um lado, a visibilidade que a Parada oferece reforça a idéia do controle social exercido, pois as “múltiplas sexualidades” se fazem visíveis em uma festa pontual que privilegia, de certa forma, seus estereótipos exacerbados. Ganha visibilidade a cultura festiva e globalizada, com suas drags, travestis montadas, go-go boys e barbies cada vez mais musculosos, além de celebridades do mundo artístico e político. O que é aceito e midiaticizado é o “exacerbado”, que se destaca na cena festiva mas a ela se restringe, sem ameaçar o cotidiano heteronormativo. Os homossexuais “comuns”, principalmente se de baixa renda e efeminados, mesmo estando ali presentes, permanecem praticamente invisíveis. Por outro lado, é preciso reconhecer que a visibilidade, alcançada por gays, lésbicas e todas as outras possibilidades sexuais presentes na Parada, tem seus reflexos positivos. O evento tornou-se palco de reivindicações e um espaço concreto para o desenvolvimento de estratégias políticas em defesa da cultura e da identidade gay.

A questão que permanece em aberto se refere à maneira como os gays e lésbicas, e seus novos movimentos, vão conduzir essa nova cultura que se instaurou na década de 90. Nesse sentido, é interessante a proposta de Silva quanto a uma política da diferença do múltiplo, e não do diverso. Explica ele:

A diversidade limita-se ao existente. A multiplicidade estende e multiplica, prolifera, dissemina. A diversidade é um dado – da natureza ou da cultura. A multiplicidade é um movimento. A identidade reafirma o idêntico. A multiplicidade estimula a diferença que se recusa a se fundir com o idêntico (p.100-101).

Entre o real e o virtual

O desenvolvimento da internet aconteceu de forma quase paralela ao da cultura gay: na última década e, sobretudo, nas grandes metrópoles. O ciberespaço, nesse contexto e por suas características, emerge como um lugar de potencialização da multiplicidade que a cultura gay pode englobar.

Sherry Turkle (1997, p.11), tratando da questão da identidade na era da internet, ressalta que os novos espaços a que milhões de pessoas estão se conectando alteram formas de pensamento, a natureza da sexualidade, a organização das comunidades e inclusive as identidades. Segundo a autora, as experiências no ciberespaço já ocupam um lugar de destaque na história das construções das identidades, fazendo parte de um cenário cultural mais amplo que contempla

a erosão das fronteiras entre o real e o virtual, o animado e o inanimado, o eu unitário e o eu múltiplo, que está a ocorrer tanto nos domínios da investigação científica de ponta como nos padrões da vida cotidiana. (...) Nas comunidades em tempo real do ciberespaço, encontramos-nos no limiar entre o real e o virtual, inseguros da nossa posição, inventando-nos a nós mesmos à medida que progredimos (p.12-13).

Turkle lembra que os computadores não se limitam mais a fazer coisas “por nós”, hoje eles fazem coisas “a nós”, influenciando nossas formas de pensar acerca de nós próprios e dos outros:

Há uma década atrás, estes efeitos subjetivos da presença do computador eram secundários, no sentido em que não eram procurados pelas pessoas. Hoje, as coisas passam-se muitas vezes de forma precisamente inversa. As pessoas recorrem explicitamente aos computadores em busca de experiências que possam alterar as suas maneiras de pensar ou afectar a sua vida social e emocional (p.37).

Para ela, as pessoas procuram no computador uma “máquina intimista”, povoada de novos cenários para fantasias, novas formas de pensar as relações entre as pessoas, as sexualidades, as identidades. De acordo com Turkle, as pessoas apreendem a identidade como um conjunto de papéis que podem ser misturados e acoplados: “a internet converteu-se num laboratório social significativo para a realização de experiências com as construções e reconstruções do eu que caracterizam a vida pós-moderna” (p. 265).

A autora (p.274) argumenta que as experiências virtuais subvertem as idéias tradicionais sobre identidade, até então vinculadas a uma noção de autenticidade. Um

exemplo dessa situação pode ser ilustrado com a presença de homens heterossexuais em salas de bate-papo exclusivas para lésbicas. Eles escolhem nicks femininos e, representando esse papel, buscam suas fantasias: de ser mulher, de ser lésbica, de transar com uma lésbica. Também é bastante comum a presença de gays, com nicks femininos, em salas de bate-papo para heterossexuais. Eles buscam parceiros virtuais do sexo masculino e, ao mesmo tempo, vivem a experiência de se passar por mulher. Enfim, personagens, pouco autênticos (no sentido tradicional do termo), são criados na busca de novas experiências identitárias - que podem ser mais facilmente vivenciadas e multiplicadas no ciberespaço.

Turkle defende ainda a idéia de que

as pessoas estão a ser ajudadas a desenvolver idéias sobre a identidade enquanto multiplicidade através duma nova prática da identidade enquanto multiplicidade na vida on-line. As identidades virtuais são objectos-propiciadores-do-pensamento. (...) a profusão de manifestações de multiplicidade na nossa cultura, incluindo a adopção de personalidades on-line, está a contribuir para uma revisão generalizada das noções unitárias, tradicionais, de identidade (p.388-389).

No que se refere a identidade e a cultura gay, percebemos uma transferência para o virtual do que acontece no cotidiano da vida real. No entanto, nesse novo ambiente comunicacional se potencializam as manifestações de multiplicidade que têm marcado essa última década.

Considerações finais

Como vimos no decorrer deste ensaio, alguns teóricos vêm apontando, direta ou indiretamente, novas perspectivas com relação a identidade e a cultura gay, seja no cotidiano da vida real, seja nas experiências do espaço virtual: Kathryn Woodward e Tomaz Tadeu da Silva ressaltam a artificialidade das identidades fixas e propõem uma “política da diferença do múltiplo”; Pierre Bourdieu defende a criação de uma nova ordem sexual na qual a distinção entre os diferentes seja indiferente; Eve Sedgwick critica o separatismo assimacionalista do movimento gay e lésbico e salienta a necessidade de uma libertação não exatamente das diferenças, mas da convicção de que as identidades em si tenham qualquer valor; Leo Bersani argumenta pela aprendizagem de uma relação baseada no mesmo, no ser humano, mais do que na diferença; David Halperin destaca que o objetivo da identidade gay é possibilitar a formação de multiplicidades, resistindo a uma

identidade gay única; João Silvério Trevisan assinala a importância do surgimento do conceito GLS no Brasil e, sobretudo a inclusão do S, dos simpatizantes; e, para complementar, Sherry Turkle demonstra que a era da internet pode potencializar o desenvolvimento de modelos identitários que admitem a flexibilidade e a multiplicidade.

Enfim, sem se deixar levar por tentativas de homogeneização, fixação e controle; não como algo definido, único e unívoco; o espaço concreto conquistado pela identidade e pela cultura gay, a partir dos anos 90, pode ser celebrado sim. E se nos apropriamos da expressão “a diferença do múltiplo”, inserindo-a inclusive no título deste texto, é porque entendemos que ela resume um conjunto de idéias do qual compartilhamos, uma nova perspectiva teórica capaz de refletir acerca da identidade e da cultura gay na contemporaneidade – a da multiplicidade, da mistura, do *mélange*.

BIBLIOGRAFIA

BERSANI, Leo. Trahisons gaies. In: ERIBON, Didier. *Les études gay et lesbiennes*. Paris: Éditions du Centre Pompidou, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999.

ERIBON, Didier. *Les études gay et lesbiennes*. Paris: Éditions du Centre Pompidou, 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A vontade de saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editores, 1997.

HALPERIN, David. L'identité gay après Foucault. In: ERIBON, Didier. *Les études gay et lesbiennes*. Paris: Éditions du Centre Pompidou, 1998.

LEKITSCH, Stevan. *Guia gay da internet*. São Paulo: Summus, 1998.

LELAIT, David. *Gay culture*. Paris: Anne Carrière, 1999.

LUCEY, Michael. Um projet critique: les gay and lesbian studies. In: ERIBON, Didier. *Les études gay et lesbiennes*. Paris: Éditions du Centre Pompidou, 1998.

PALOMINO, Erica. *Babado forte*. Moda, música e noite. São Paulo: Mandarim, 1999.

PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *Sexo, afeto e era tecnológica*. Um estudo de chats na internet. Brasília: Editora da UnB, 1999.

SEDGWICK, Eve. Construire des significations *queer*. In: ERIBON, Didier. *Les études gay et lesbiennes*. Paris: Éditions du Centre Pompidou, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TURKLE, Sherry. *A vida no ecrã*. A identidade na era da internet. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.



WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹ <http://www.glossite.net> (listagls).

¹ <http://www2.uol.com.br:800mixbrasil/id/glossar.html>

¹ novela “Torre de Babel”.